**A existência criativa: uma leitura do paradigma winnicottiano em tempos de adversidade**

Julieta Bareiro (Conicet-UBA-UBACyT)

A pergunta sobre a relevância de Winnicott para o campo da psicanálise é respondida pelo uso e reflexão em sua obra de conceitos metapsicológicos como inconsciente, sintoma, pulsão (drive), analista, entre outros. No entanto, a sua contribuição vai além do vocabulário freudiano. A noção de transitoriedade e seu vínculo com a continuidade da existência e a criatividade, o colocam como um pensador original, cuja riqueza tem uma relevância excepcional nos nossos dias atuais. A afirmação de "habitar o mundo de modo pessoal" remete, entre outras questões, para o desafio singular do sendo (*being*) em termos de autenticidade que não pode ser reduzida a um mero tópico intrapsíquico comandado pela pulsão, mas à experiência de "sentir-se vivo, verdadeiro e real" que aponta para o horizonte aberto da vida em constante significação.

Uma das contribuições mais originais da psicanálise foi a do espaço transicional. Nesse sentido: quando Winnicott propõe um ponto de análise baseado na criatividade, a transicionalidade dá um passo para além da tradição psicanalítica do interno vs. o externo, e no lugar disso, propõe um terceiro espaço que não responde ao carácter genético pulsional, mas a uma relação entre o homem e o mundo baseada na correlação mútua. Isso sugere uma nova teoria dos lugares psíquicos que supera a tensão anteriormente mencionada. Na terceira zona, diferente a das outras duas, Winnicott localiza a vida e o lugar "onde passamos a maior parte do nosso tempo".

"Onde estamos quando estamos fazendo o que realmente estamos fazendo, quer dizer, nos divertindo? Será que o conceito de sublimação abrange o panorama todo? Podemos ter alguma vantagem ao examinarmos essa questão da possível existência de um lugar para viver que os termos “exterior” e “interior” não descrevem adequadamente?" (Winnicott, 2007a: 141).

Essa ampliação a partir de uma nova orientação funciona como um "*locus*" onde se situam os elementos culturais. A terceira zona, onde se situa a experiência, é o lugar do registro vivo do estar no mundo. Depende das vivências anteriores, do cuidado materno e da capacidade da criança de ir ampliando o seu mundo, de lhe conferir significado ao externo, simbolizando-o como seu. A experiência já não é entendida como um produto do pulsional, nem como uma submissão à exterioridade, mas como um hábito, um costume pessoal que pode ser extensível de acordo com as possibilidades ou não da criatividade: é a subjetividade que emerge no encontro com o cultural. Esse encontro surge primeiramente ligado a um objeto (transitório) e depois se ramifica em várias experiências, entre elas, o brincar. Assim, o encontro é criativo/criador de/com objetos. E é nesse âmbito, espaço, que se revela o sentido da existência: "Em cada indivíduo a utilização de tal espaço é determinado pelas experiências vitais que surgem nos estágios iniciais de sua existência" (Winnicott, 2007a: 135). O espaço transicional tem a estrutura do entre que tende, para o qual se dirige; nesse ponto, para o universo cultural. Nessa orientação, o espaço transicional é um âmbito de uso que o sujeito cria, se apropria e manipula ao localizar nele a experiência de estar no mundo junto com os outros. É por isso que Winnicott diz que o importante é ter "algum lugar para colocar o que encontramos" (Winnicott, 2007a: 133). O que é significativo aqui, é a criação desse âmbito e a sua flexibilidade. A ideia de que a experiência cultural funciona como uma terceira zona admite corroborar a natureza porosa do que é propriamente meu e do que é distinto de mim: ambos os mundos podem fazer parte de um outro mundo de maior sutileza.

Esta dinâmica, entre o que é próprio e o que é alheio, estabelece um espaço virtual onde o estrangeiro entra, transformando-se. Nesse âmbito ele adquire um novo significado, é uma forma de distanciar, no melhor sentido heideggeriano, o que está longe, o que está distante. Winnicott inaugura uma terceira zona que não só é própria da subjetividade humana, a partir da qual se compreende a vida e o compartilhar com os outros, mas que adquire uma outra modalidade: a da expansão. Embora já tenha sido sugerido que o transicional se manifesta em um objeto e depois se estende à própria cultura, essa expansão acentua o seu carácter de espaço que se transforma, se dinamiza, ampliando as assim as suas fronteiras.

É Winnicott quem argumenta que a vida humana, diferentemente da vida biológica, transcorre no plano dos significados culturais e que, portanto, a modalidade específica da vida é a potencialidade. Viver em termos winnicottianos nada mais é do que criar um espaço para o desenvolvimento de possibilidades. O homem é uma unidade na qual tanto a vida pulsional, quanto a vida cultural estão imbricadas, no entanto o lugar a partir do qual a própria vida é enunciada é a cultura. A relação do eu mesmo com o mundo não obedece a uma sucessão linear de objetos, mas sim uma ramificação de experiências subjetivas. Sua manifestação mais clara é a capacidade de constituir um espaço potencial.

Contudo, de todas as possibilidades do homem, o brincar é o mais adequado para compreender seu significado e a capacidade que a vida tem de introduzir no mundo novos começos, o que é o mesmo que dizer que a vida é criatividade. O brincar é a ponte entre a simbolização e o fenômeno transitório.

*Brincadeira, simbolização e fenômeno transicional*

Winnicott situa na brincadeira a manifestação mais evidente da transicionalidade. Na brincadeira, a criança desenvolve seu potencial criativo e constrói um espaço virtual onde os objetos, por ser de uso, adquirem significados apenas em função desse momento e sob o comando do sujeito que os manipula. Cabe dizer que não importa tanto para que se brinca, mas sim que se brinque. Essa é a distinção qualitativa que estabelece entre o brincar *(play)* e a capacidade de brincar *(playing).* Aqui há espontaneidade em todo o seu esplendor porque, embora a criança signifique um objeto como seu, o valor que ele tem, sua função e seu uso, sempre adquirem um significado pessoal.

O brincar é uma atividade corpórea-espiritual libre que cria, sob certas regras, e dentro de um marco espaço-temporal delimitado, uma esfera de possibilidades de ação e interação com o objetivo não de obter um fruto alheio ao próprio ato, mas de alcançar a alegria que esse ato proporciona, independentemente do sucesso obtido, estabelecendo assim uma relação frutífera de causalidade circular entre o brincante e a brincadeira, entre a luz que o processo lúdico emite e a brincadeira que cria essa luz. O espaço da brincadeira como uma zona que ilumina o significado e que, por sua vez, é a própria brincadeira que cria novas esferas simultâneas e sucessivas que levam o brincante a criar a brincadeira. Assim, o brincar é uma atividade criativa universal de uma trama de significado. Envolve a própria pessoa que a cria e impulsiona seu poder criativo. E brincar alude não apenas ao espaço, mas também à criação, ou seja, a criação de um espaço é a brincadeira. Aqui se compreende melhor que o espaço transicional opera como uma abertura e significação do mundo: uma zona reticulada de significado que dá valor na medida em que significa o sujeito que implementa esse espaço. O que emerge nesse espaço é, subjetivamente, brincar de criar mundos: "Um âmbito resplandecente, um campo de luz que dá sentido e gera beleza porque tende essencialmente a criar um campo de liberdade, de opções sempre novas, dentro de um canal de possibilidades" (López Quintás, 1977: 35).

Entretanto, a noção de brincadeira exclui a ideia de isolamento; a presença e a ausência da mãe têm um valor fundamental para o desenvolvimento da capacidade de brincar. Essa capacidade não depende apenas do cuidado e do amparo materno, mas também do gesto singular da criança para revelar possibilidades inéditas. Se na dupla inicial de fusão mãe-bebê não era possível, do ponto de vista da criança, distinguir o que era seu e o que era da mãe, o estabelecimento do espaço transicional e do brincar inaugura um novo espaço em que dois brincam onde antes havia um. É a experiência da destruição do objeto subjetivo e o surgimento do objeto de uso. O que precisa ser resgatado é que o brincar faz a separação, mas, ao mesmo tempo, une na brincadeira. Ou seja, algo deve se separar para possibilitar a alteridade, mas, ao mesmo tempo, essa distinção eu/não-eu é ressignificada, um novo sentido surge quando se brinca. É isso que leva Winnicott a dizer que na brincadeira: "a separação não é separação, mas uma forma de união" (Winnicott, 2007a: 132). Esse é o sentido que tem na fase adulta a chamada "experiência compartilhada”. Essa é a base da ilusão winnicottiana, e uma forma de vínculo com os outros. A base dessa experiência é a simbolização.

*Simbolização e cultura: o homo ludens*

Sob esse termo, concebe a capacidade da criança de diferenciar entre a criatividade primária e a percepção (Winnicott, 2007a:23). A capacidade de simbolização implica uma clara distinção entre os dois universos tradicionais da psicanálise: interior/exterior. O objeto transicional daria conta dessa passagem entre ambos e tem um caráter anterior em relação ao símbolo, uma vez que o transicional reflete a conjunção e não a diferenciação. Nesse sentido, o uso de um objeto transicional não significa que ele tenha de fato alcançado a capacidade de simbolização, mas que está se encaminhando para o uso de símbolos. Indica "a raiz do simbolismo no tempo que descreve a jornada da criança do subjetivo puro para a objetividade; e me parece que o objeto transicional (pedaço de cobertor, etc.) é o que vemos dessa jornada de progresso em direção à experiência" (Winnicott, 2007a:23).

Essa ideia de lugar original que tem o transicional com relação à simbolização se torna mais forte quando se dá passagem entre ambos universos (interno/externo): se no universo subjetivo não há distinção entre o próprio e o alheio - como há no universo objetivo -, o espaço transicional funciona como um canal entre um e outro. Essa dinâmica implica um relaxamento das forças tensionais. Se Winnicott diz que a vida é difícil e que afirma que manter separadas a realidade interior e exterior é ainda mais difícil, o espaço transicional permitiria que essa separação entre o eu/não-eu recuperasse uma união, que não é regressiva ao estado inicial de fusão, mediante o uso da zona como um âmbito de experiência compartilhada. Se o conceito do transicional alude à possibilidade de que por meio do símbolo se unam dois sujeitos separados, essa capacidade de simbolização adquire uma característica pessoal de acordo com cada indivíduo. Isso que aparece nos estágios iniciais se ramifica na idade adulta, expressando-se no âmbito do cultural, ou seja, no espaço potencial que permite essa conexão entre singular/plural.

Dessa forma, fica mais fácil entender como o brincar, a cultura e a simbolização se articulam. A noção que tem de subjetividade, cultura e vínculo por meio do uso de símbolos permite pensar em Winnicott uma concepção do homem como *homo ludens*: o brincar é uma atividade própria do humano que o projeta para uma experiência de si mesmo como criador. É uma ação livre, capaz de absorver completamente o brincante, uma ação desprovida de qualquer propósito, de qualquer interesse material, que se estende à cultura. Esta última, liberada de seu peso, se desenvolve na brincadeira e como brincadeira. O brincar estaria em toda parte porque, como estabelece Winnicott, é nas crianças e nos bebês que os traços de universalidade são descobertos.

Contudo, essa ampliação do "espaço da brincadeira", por assim dizer, funciona como um "locus" onde se localizam os elementos culturais. Se no espaço potencial se articula o próprio com o do outro - e se o próprio se refere às fantasias da criança e o outro à realidade externa/compartilhada -, a questão que se segue é de que se trata essa realidade. Winnicott a define como o não-criado pelo próprio sujeito. Em termos sociais, se refere ao acervo cultural com o qual a criança nasce. No tempo devido, se encontra, se descobre, cocria à medida que o espaço transicional permite seu ingresso, transformando-se assim em próprio e pessoal, assim como ilustra o concerto musical.

*Transicionalidade e tradição*

O campo da cultura tem tido um valor significativo para a psicanálise, embora com diferentes interpretações. Para Freud, a cultura restringe o princípio do prazer ao impor o da realidade por meio das instituições que o materializam (Estado, família etc.). O homem freudiano está diante de uma organização social em uma posição ambígua: nela não se pode ser plenamente feliz, mas sem ela não sobreviveria. Para apaziguar o sofrimento causado por essa contradição, a cultura se esforça em vão para criar vínculos alternativos que apaziguem as tendências eróticas reprimidas e o desconforto causado por essa limitação. A partir da famosa "reviravolta de 1920", o dualismo pulsional governa não apenas a vida inconsciente do indivíduo, mas também sua vida social. É daí que Freud entende o desenvolvimento da cultura como "o combate da espécie humana pela vida" (Freud, 1996b: 245).

Apesar dessa visão que engloba quase a maior parte da teoria psicanalítica, Winnicott propõe uma posição totalmente diferente. Para o autor inglês, a cultura não apenas manifesta a característica ampla do transicional, mas também promove as possibilidades do sujeito obter autenticidade pessoal, ou seja, a possibilidade de "sentir-se real". O homem winnicottiano só pode encontrar a si mesmo por meio das relações com os outros e mediante a independência que consegue reconhecer a dependência. Se Freud considerava o homem um animal ambivalente, Winnicott defende que o homem é um animal dependente e que seu crescimento se mantém em estar "separado sem estar isolado" (Phillips, 1997: 21). O meio cultural é o âmbito onde essa relação não-tensional entre singular/plural é enunciada.

Cultura aqui significa "tradição herdada". Mas isso não implica em conformidade, pois essa tradição depende, segundo o autor, do modo como é registrada. De fato, quando Winnicott pensa em acervo cultural, ele está pensando na história da humanidade e na transferência dessa história de geração em geração. Esse caráter de transmissão é o que é "imposto" pelo exterior, ou seja, o externo, aquele que não surge das fantasias do mundo interno. O espaço transicional opera, portanto, como a união desses dois universos: o próprio e o transmitido. Essa conjunção seria inútil se se pensasse apenas em termos do binômio externo/interno. A terceira zona, onde a experiência está localizada, é o lugar do registro vivo de estar no mundo. De ter "algum lugar para colocar o que encontramos" (Winnicott, 2007a: 133).

Outra vez aqui, as primeiras relações voltam a ter esse caráter originário em relação ao homem e ao mundo. Se nas primeiras experiências do transicional a criança criava um objeto que já estava ali para ser criado, da mesma forma os elementos culturais estão "esperando" para serem apropriados pelo indivíduo. Essa é uma experiência singular que depende da criança/adulto e só é possível na medida em que há confiança no ambiente da mãe/sociedade. Se o objeto transicional unia simbolicamente a mãe ao filho como dois seres separados, agora a experiência cultural une, cria um vínculo com os demais indivíduos que usam o fenômeno para sua própria expressão:

"Em outras palavras, na saúde não há separação, porque na área de espaço-tempo que existe entre a mãe e a criança, a criança (e também o adulto) vive de forma criativa, utilizando os materiais que estão a seu alcance, seja um pedaço de madeira ou um quarteto de Beethoven" (Winnicott, 2006a: 45).

O espaço potencial se apresenta agora como o âmbito no qual ingressam os vários objetos que "chamam" para serem significados. O símbolo representa a conjunção entre o externo-interno. Entre o não-criado e o disposto a criação. Não importa se é um ursinho de pelúcia ou uma excelente obra musical, o importante aqui é a capacidade de usar, de se apropriar do objeto-obra, dando-lhe um significado pessoal. Essa é a razão para viver de forma criativa, ou seja, para criar o mundo. Embora Winnicott proponha a criatividade como um modo de vida saudável, a possibilidade de cultura não é exclusiva do saudável, mas sim de uma esfera própria do ser humano. Mesmo nos diagnósticos mais desfavoráveis, a experiência do transicional e do existir criativo que neles se manifesta, evidencia seu caráter a priori.

Viver criativamente é uma experiência universal, e até mesmo um esquizofrênico preso em si mesmo e confinado à cama pode estar vivendo criativamente em uma atividade mental secreta, como se lembrando de uma música, e, portanto, de certa forma, pode ser feliz. Infeliz é aquele que, durante uma fase, percebe que lhe falta algo que é essencial ao ser humano, muito mais importante do que comida ou a sobrevivência física (Winnicott, 2006a: 54).

Assim fica evidente que o cultural vai além da vida biológica e se revela no campo originário do existir. A música que lembra o esquizofrênico na citação de Winnicott não foi inventada por ele, mas sim tomada e apropriada, ou seja, recriada. O que é significativo é que a experiência cultural como terceira zona é a forma pela qual o alheio ingressa e se transforma no próprio e autêntico. Continuando com o exemplo da música, isso mostra que o cultural opera em uma base de tradição, ou seja, de elementos que circulam em uma determinada sociedade e cuja autoria não é significativa, mas cobra vida quando cada sujeito a registra de acordo com suas possibilidades simbólicas. É isso que Winnicott chama de transmissão cultural. Essa transmissão torna-se criativa se consegue entrar no espaço transicional, que é o contrário de ser imposta. Para o autor inglês, essa operação é extremamente importante porque lhe permite contribuir com algo próprio a partir do que já existe: “Em qualquer campo cultural é possível ser original, exceto com base na tradição” (Winnicott, 2007a: 134).

A ênfase está em como se recebe o que a cultura oferece, ou seja, como cada pessoa incorpora o que já existe, dando-lhe novos significados. Dessa forma, a cultura deixa de ser "algo dado" e se torna "algo vivo" e a contínua espera de significação. Essa significação é dada pelo traço criativo e criador de cada ser humano, por sua própria marca pessoal, única e irrepetível.

O "pecado imperdoável" é a conformidade acima da espontaneidade e, basicamente, é uma traição a si mesmo, a renúncia à capacidade criativa. A significação da cultura é uma experiência dinâmica e constante. É a expressão do verdadeiro eu. O falso eu é aquele que se submete ao dado como uma forma de pertencer, mesmo correndo o risco de perder a singularidade. Ao contrário, para Winnicott, a vida é uma instância discursiva incontestável, definitiva, que não pode ser vista de fora, não pode ser objetivada e que requer um olhar imanente que não a submeta a nenhum tipo de objetivação.

**Referências**

Bareiro, J. y Bertorello, A.

(2010) “Lógica de la diferencia y lógica de la alteridad. Sentido y sinsentido en Heidegger y Winnicott”. Anuario de Investigaciones de la Facultad de Psicología. Facultad de Psicología. Universidad de Buenos Aires. ISSN 0329-5885. Vol.: XVII, pp. 275-282.

Davis, M. y Wallbridge, D.

(1988) Límite y espacio: introducción a la obra de D. W. Winnicott. Amorrortu editores, Buenos Aires.

Loparic, S.

(2007) “De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática” en Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre, n. 01, Ene-ro/Mar 2007. www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php, pp: 27-45.

(2007) “Origem em Heidegger e Winnicott” en revista electrónica www.naturezahumana.br. San Pablo, ISSN (versión impresa) 1517-2430. Nro. 1, Vol. 1, pp. 103-35.

López Quintás, A.

(1977) Estética de la creatividad. Ediciones Cátedra, Madrid.

Winnicott, D.

(2006a) El hogar, nuestro punto de partida. Paidós, Buenos Aires.

(2006b) La familia y el desarrollo del individuo. Hormé, Buenos Aires.

(2006c) El niño y el mundo externo. Hormé, Buenos Aires.

(2006d) Clínica psicoanalítica infantil. Hormé, Buenos Aires.

(2007a) Realidad y Juego. Gedisa, Buenos Aires.